



**DITADURA OU DITABRANDA? COMO ESTE MOMENTO
HISTÓRICO APARECE EM ALGUMAS DE NOSSAS PRODUÇÕES
FÍLMICAS**

Everaldo José de Jesus Júnior¹

Wilson Oliveira Badaró²

Resumo

O propósito deste artigo é discutir as diferentes impressões obtidas sobre a história da ditadura militar no Brasil e seus impactos na sociedade a partir das produções cinematográficas e suas abordagens ao contexto proposto – do golpe de 64 até o fim da ditadura militar em 1985. Desta forma, pretendemos expor análises dos filmes “Batismo de sangue”³ dirigido por Helvécio Ratton, “O que é isso é isso? Companheiro”⁴ dirigido por Bruno Barreto e “Zuzu Angel” por Sérgio Rezende que retratam trechos da história da ditadura militar no Brasil.

Palavras-Chave: Ditadura no Cinema. Ditadura. Golpe de 64.

“Nosso assunto agora é especial”, disse o capitão Albernaz, ligou os fios em meus membros. ‘Quando venho para a OB [Operação Bandeirantes] – disse – deixo o coração em casa. Tenho verdadeiro pavor a padre e para matar terrorista nada me impede... Guerra é guerra, ou se mata ou se morre.’” (Relato da tortura do Frei Tito de Alencar Lima, redigido pelo mesmo na prisão. Escrito em fevereiro de 1970.)

Para entendermos este período é necessário que tenhamos em mente e respeitemos as especificidades de nossas fontes – em nosso caso, fílmicas - para um trabalho de leitura histórica conhecendo suas potencialidades e limitações. Como propõe Marcos A. da Silva, faremos constantemente “um esforço para ampliar o

¹Graduando em História pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: junior.phibes@hotmail.com.

² Mestrando em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mail: w_o_b@hotmail.com.

³ Adaptação do livro escrito por Dani Patarra.

⁴ Adaptação do livro escrito por Fernando Gabeira.

universo de documentação e análise do Historiador, jamais incentivando novos preconceitos ou negligências, preservando a preocupação com a identidade histórica da pesquisa nesse universo documental”⁵.

Pensando nas múltiplas possibilidades de usos de fontes e documentos no fazer histórico é que atendemos as tendências que chamam “os historiadores a saírem dos seus gabinetes e farejarem, tal como o ogre da lenda, ‘a carne humana’ – em qualquer lugar onde pudesse ser encontrada por quais quer meios”⁶, documentos, linguagens e fontes. Assim sendo, consideramos que as produções cinematográficas que aqui serão trabalhadas, por sua proximidade, inspiração e bases fundados em fatos históricos dispõem de um “signo que, na relação signo-referente (signo-objeto), designa um objeto ao reproduzi-lo ou imitá-lo, por ter certos traços – um pelo menos – em comum com o objeto em questão”⁷, em nosso caso específico, o objeto reproduzido em todos os filmes é a ditadura militar brasileira.

Nossa preocupação com as produções cinematográficas se atêm aos silêncios e, por vezes, afirmações contidas nestas obras que “1) Nem sempre se interessam por problemáticas de conhecimento histórico; 2) Requerem posturas ativas dos historiadores que as estudam para que ocorra um efetivo diálogo interdisciplinar e não um monólogo daquelas especialidades”⁸ reforçando, sobretudo, o conhecimento das possíveis interpretações históricas.

De acordo com Robert Rosenstone

a realidade histórica, no discurso narrativo, está condicionada pelas convenções de gênero e de ponto de vista (como ocorre com os romances de ficção) que o historiador tem escolhido – irônico, trágico, heróico ou romântico [...] Se a história escrita está condicionada pelas convenções narrativas e lingüísticas, o mesmo ocorre com a história visual, ainda que neste caso sejam as próprias do gênero cinematográfico.⁹

Partindo da perspectiva de Robert Rosenstone, o historiador Jorge Nóvoa também defende a utilização dos filmes como fontes históricas. Partindo destes documentos específicos ele ressalta que

⁵ SILVA, Marcos A. da. *A construção do saber histórico: historiadores e imagens*. R. História, São Paulo, n. 125-126, p. 117-134, ago-dez/91 a jan-jul/92. Para maiores detalhes sobre tal discussão veja o artigo na íntegra que está disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18668>> Acesso em: 20 de novembro de 2013.

⁶ CARDOSO, C. F. S.; MAUAD, A.M. *História e Imagem: Os Exemplos da Fotografia e do Cinema*. In: Ciro Flamarion Santana Cardoso; Ronaldo Vainfas. (Org.). *Domínios da História*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 401-417.

⁷ Idem.

⁸ SILVA, Marcos A. da. *A construção do saber histórico: historiadores e imagens*. R. História, São Paulo, n.125-126, p.117-134, ago-dez/91 a jan-jul/92.

⁹ ROSENSTONE, Robert. História em imagens, história em palavras: reflexões sobre as possibilidades de plasmar a história em imagens. *O olho da História*, Salvador, v.1, n.5, p.105-116, 1997. Este artigo está disponível também em: <<http://pt.scribd.com/doc/92990763/ROSENSTONE-Robert-Historia-Em-Imagens-Historia-Em-Palavras-pdf>> acesso em: 16 de novembro de 2013.

[...] tanto os filmes elucidam a história [...] como se tornam assim um documento dela também, além de propor sua interpretação, exercendo inegavelmente um papel pedagógico junto ao grande público por sua capacidade de atingi-lo com grande impacto, não só racional, mas também emocional.¹⁰

Concordamos com as proposições do uso dos filmes como fontes históricas nas discussões de ambos os autores supra mencionados, mas, ponderamos o caráter ficcional atribuído à história pois, como se sabe, a história se funda baseada em referências e documentos, embora perpassada de subjetividade do seu urdidor, o historiador, contudo, a história não se produz baseada apenas em criatividade e imaginação, nossa produção se baseia em uma grande gama de alicerces documentais que alijam a história da ficção e a aproxima em muito dos fatos.

Assim pensando, cremos que as críticas aos filmes, as ideias da história enquanto mera ficção não podem ser validadas, pois são as suas abordagens e temas construídas através de grandes revisões no sentido de alcançar a maior proximidade possível com a realidade histórica investigada e, assim sendo, as antigas discussões são sempre “incorporadas às novas em virtude da parcela de verdade que contêm,¹¹. Procedimento comum dentro das ciências que estão em um processo de constante construção de seus saberes.

Algumas das obras cinematográficas que trabalharemos contam com esta subjetividade que, como Rosenstone aponta, aparecem no caso do filme de Bruno Barreto, “O que é isso é isso? Companheiro”, inspirado na obra de Gabeira, que apresenta algumas incertezas em relação aos relatos de outros atores históricos que vivenciaram o mesmo contexto histórico. Críticas que foram bastante evidenciadas na obra “**Versões e ficções: O sequestro da História**”¹² tratando destas possíveis incertezas e entraves quando confrontadas com outros atores históricos que não o próprio Gabeira. Ouvindo outras versões de um mesmo episódio, a História tenta, no mais possível, trazer maior quantidade de fatos que contribuam para maior aproximação com o contexto que se propõe a relatar. Desta forma, a subjetividade não é um entrave, mas uma necessidade para o bom andamento das investigações e, dando voz a todas as vertentes possíveis a aliando umas às outras.

¹⁰ NÓVOA, Jorge Luiz Bezerra. Robert Rosenstone e o seu A história nos filmes, os filmes na história. *O Olho da História*, n. 14, Salvador, junho de 2010. A resenha sobre esta discussão está integralmente disponível no endereço: <<http://oohodahistoria.org/n14/artigos/rosenstone.pdf>> acesso em: 18 de novembro de 2013.

¹¹ CARDOSO, C. F. S. *Uma Introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 17.

¹² Cf. REIS, Daniel Aarão et al. *Versões e ficções: O sequestro da História*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997. p. 40.

Feitas estas considerações apresentaremos algumas leituras e impressões sobre as obras cinematográficas. Verificamos como elas contribuem para um abrandamento ou radicalização das impressões, sensações e compreensões do contexto da ditadura em si. Se nos dão ampla ideia das efervescências daquele momento ou apenas nos fazem ver um pequeno recorte comum e corriqueiro de uma história constituída de processos ditos “naturais” dentro de acontecimentos históricos, por exemplo.

Discussões

Não pudemos deixar de observar que na maior parte dos filmes estão sendo tratados um tanto após o evento do Golpe Militar de 64, isto é importante para que situemos o tempo e o espaço onde os fatos, com efeito, se deram e quais as emanções do Golpe em diferentes momentos para a sociedade brasileira. Ou seja, podemos apontar evidências nos filmes que nos dão pistas sobre o momento em que as coisas se deram. Como o homem pousando na lua que vimos no filme “O que é isso? Companheiro” tratando de mostrar, também, concomitantemente, o início das discussões feitas pelos integrantes do grupo (e do próprio filme em si) que findaram com o rapto do embaixador norte americano, sendo o fato de que o homem

pousou na Lua em 20:17:39 GMT (16:17:39 EDT) em 20 de Julho 1969 em 102:45:39.9. O desligamento do motor ocorreu 1,5 segundos depois. A LM desembarcou em Mare Tranquillitatis (Mar da Tranquilidade) na latitude norte 0,67408 ° e longitude leste 23,47297 ° e 22.500 pés a oeste do centro da elipse de pouso.¹³

Com este fato enfatizado na obra fílmica temos a precisa noção de quando o grupo começou a se articular e desenvolver ideias no sentido de dar corpo à suas intenções, ao menos pelo que diz o filme, e este momento foi o dia 20 de julho de 1969.

Já em “Batismo de Sangue”, o contexto inicial da obra fílmica é apresentado em legenda. O ano é 1968, contudo, deve-se perceber que a organização política da qual os protagonistas do filme se inserem (ALN - Ação Libertadora Nacional) – cena

¹³ Do original: “The LM landed on the Moon at 20:17:39 GMT (16:17:39 EDT) on 20 July 1969 at 102:45:39.9. Engine shutdown occurred 1.5 seconds later. The LM landed in Mare Tranquillitatis (Sea of Tranquility) at latitude 0.67408° north and longitude 23.47297° east and 22,500 feet west of the center of the landing ellipse.” Artigo disponível no site da NASA tratando dos processos que levaram à chegada do homem à lua. O artigo é intitulado como: *APOLLO 11 The Fifth Mission: The First Lunar Landing 16 July–24 July 1969*. Disponível em: <http://history.nasa.gov/SP-4029/Apollo_11a_Summary.htm> acesso em 28 de novembro de 2013.

onde são levados até o professor Menezes – acontece em temporalidade anterior a este ano apresentado.

No caso, o filme “Zuzu Angel” apresenta, também, em seu início pistas do contexto tratado quando retrata que “em 1971 estava no auge de minha carreira”¹⁴ e a televisão em uma determinada cena anuncia a despedida de Pelé da Seleção Brasileira, que ocorreu no mesmo ano.¹⁵ Apresentadas estas especificidades da abordagem temporal de cada filme, vejamos o que nos trazem de forma resumida em princípio.

O filme “Batismo de Sangue” chama a atenção devido à ostensiva exposição dos meios de tortura e repressão que são demonstrados com certa contundência em relação com as outras obras que trabalharemos. As ações da ALN (Ação Libertadora Nacional), grupo guerrilheiro urbano criado por Carlos Marighela, também deve ser levado em conta, pois ela foi a principal guerrilha urbana em atividade durante a ditadura. Ela aparece em ambos os filmes – “Batismo de Sangue” e “O que é isso? Companheiro” – tendo uma ampla participação nos movimentos de resistência. Pode-se destacar também a campanha feita pelos frades e padres contra a ditadura durante suas missas e o apoio, sem uso de armas, a Carlos Marighela e a sua guerrilha.

As delações e as suas especificidades

O Delegado Sérgio Paranhos Fleury foi um dos mais brutais agentes de repressão do Governo Militar, detalhe muito bem retratado no filme “Batismo de Sangue”, sendo ele responsável pela prisão e tortura dos frades dominicanos, prisão dos estudantes da UNE (Congresso de Ibiúna, 1968) e a morte de Marighela. Além de ser um dos comandantes do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), departamento que era responsável por interrogar e torturar os presos políticos, como Frade Tito, por exemplo.

Esta observação tem a intenção de frisar o nosso detimento daqui por diante às formas e mecanismos de repressão que muito contribuíram para o desenvolvimento da ditadura e sua manutenção como a censura aos meios de comunicação de massa, repressão sistemática, estímulo às delações e torturas, por

¹⁴ CARVALHO, Joaquim Vaz de. e REZENDE, Sérgio. *Zuzu Angel*. Produção de Joaquim Vaz de Carvalho, direção de Sérgio Rezende. Brasil: Warner Bros, 2006. 1 arquivo AVI, 104 min.

¹⁵ Idem.

exemplo. Apresentaremos um quadro notado, neste momento, de como estas delações foram representadas dentro destas obras filmicas e como elas operaram em nossas percepções para uma compreensão das expectativas e apreensões do contexto histórico tratado. O exemplo citado acima aponta para a ideia de um medo generalizado que a Ditadura Militar Brasileira impôs, “Assim Assado”¹⁶, à sociedade. Tal afirmativa foi muito bem capturada na frase de abertura do filme “Batismo de Sangue” onde sintetiza-se o contexto com a seguinte frase: “As liberdades democráticas foram suprimidas e toda oposição ao regime militar era reprimida com violência. Os agentes da repressão, militares e policiais, não tinham limites: em nome da 'segurança nacional' tudo era permitido.”

Partindo da provocação do próprio filme, entendemos como generalização do medo não apenas o temor às atividades de repressão por parte da população, mas, também, os discursos que estigmatizavam a figura do comunista como um inimigo nacional a ser combatido e reprimido de todas as formas possíveis pelo governo ditatorial que estimulava e esperava o apoio popular na empresa de combatê-los, pois representavam uma ameaça constante.

Como nos indica Marcus Roberto de Oliveira, o anticomunismo foi

Orquestrado por grupos conservadores e em certos momentos até por alas progressistas, o anticomunismo brasileiro é sem dúvida um dos fenômenos políticos mais relevantes nas duas fases de colapso institucional da democracia no Brasil (especificamente, a ascensão do Estado Novo (1937) e o golpe de 31 de março de 1964).¹⁷

A ideia de fundo era que o comunismo, potencialmente, tiraria a liberdade de todos ao dissolver as individualidades. Sabemos que nem todos os esquerdistas eram comunistas e com essa afirmativa queremos ponderar que “as esquerdas não foram apenas vítimas de uma ditadura feroz”¹⁸, entretanto, muitas das vezes, seu posicionamento nos embates políticos visou também, guardadas as devidas proporções, estender seus projetos políticos aos seus opositores. Porém o que se nota nos três filmes é um forte apoio dos meios de comunicação da época, rádio, televisão

¹⁶Abordagem musical do contexto que trata metaforicamente das efervescências do momento histórico vivido. Cf. RICARDO, João. Assim Assado. In: *Secos & Molhados*. Intérprete: Secos & Molhados. Brasil: Continental, c1973. 1 CD. Faixa 6 (2 min 58).

¹⁷ OLIVEIRA, M. R.. A ideologia anticomunista no Brasil. Curitiba: *Revista de Sociologia e Política*, 2004. (Resenha do Livro Em guarda contra o perigo vermelho de Rodrigo Patto Sá Motta), p. 185. Uma interessante e concisa resenha disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n23/24634.pdf>>, acesso em 07 de Dezembro de 2013.

¹⁸ REIS, Daniel Aarão et al. *Versões e ficções: O sequestro da História*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1997, p. 40.

e jornais impressos que, censurados e, de certa maneira, também atemorizados, consolidavam as estigmatizações e estereótipos sobre o comunismo.

Nós acreditamos que os filmes passam uma imagem de que a população era induzida a crer que seria beneficiada, pelas instâncias responsáveis pela repressão, ou ainda, retinha – a partir de uma intromissão governamental – em seu imaginário a possibilidade de tornar-se herói pelo fato de entregar um “subversor” através do ato de delação destes possíveis suspeitos.

É importante que se diga que apresentamos aqui nossas impressões para mostrar que a ideia proposta por Rosenstone de que “as considerações dos historiadores sobre o cinema e os filmes pareciam travadas, até ‘medrosas’, quando não hostis à reflexão histórica contida na imagem fílmica”¹⁹ está ficando para trás, ou seja, que desbravar as produções do cinema enquanto fontes não é mais um entrave. Expomos as “nossas” impressões sem temores, pois entendemos que os filmes como uma linguagem artística possível que são, eles estão e são passíveis de múltiplas interpretações, e como tal, a que propomos aqui deverá ser encarada como mais uma possível.

Interpretações fílmicas estas que são perceptíveis nos exemplos contidos nos filmes, no sentido de mostrar o ideário da população em relação à delação da seguinte forma: em “O que é isso? Companheiro”, na personagem civil interpretada por Fernanda Montenegro, vemos uma tentativa de delação por parte desta personagem, ligando para a polícia informando uma atividade suspeita em frente a sua casa, mas não é ouvida. Essa atividade suspeita acabaria tornando-se o sequestro do embaixador americano.

Sendo assim, também podemos apontar uma delação em “Batismo de Sangue” quando o frade Betto é entregue pelo personagem que se identifica no bar, onde estava marcado o encontro, com o “primo do teu colega”²⁰, o mesmo abriga o frade por uma noite, mas depois que é exposto aos jornais impressos que publicaram a pessoa do frade Betto como líder da ALN na região Sul e, obviamente, como grande procurado, sua reação é de rendição às expectativas do propósito destas publicações. Em outras palavras, a delação.

¹⁹ Veja mais sobre este assunto em: SANTIAGO JÚNIOR, Francisco das Chagas Fernandes. Robert Rosenstone. A história nos filmes, os filmes na história. São Paulo: *Revista Brasileira de História*, vol.30 no.60, 2010. p. 271. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/a17v3060.pdf>> Acesso em: 21 de outubro de 2013.

²⁰ PATARRA, Dani e RATTON, Helvécio. *Batismo de sangue*. Direção de Helvécio Ratton Produção de Dani Patarra e Helvécio Ratton, baseado no livro “Batismo de Sangue”, de Frei Betto. Brasil, 2007. 1 arquivo AVI 112min. e 15 segundos. son., col.

Por fim, no filme “Zuzu Angel”, a delação é notada no momento em que o Capitão Mota tenta e, em certa medida, extrai diretamente de “Zuzu Angel”, algumas pistas sobre as atividades “perigosas” de seu filho, Stuart Angel, como a ideia dele dispor de um codinome estar diretamente associada a estas ditas atividades tidas como “perigosas”. Na sequência faz a pergunta chave à mãe desesperada: – “o seu filho era comunista?” ao que ela retruca percebendo a intencionalidade de sua arguição – “o senhor está querendo outra coisa. O senhor está querendo que eu diga se o meu filho é subversivo ou terrorista.”²¹ Concluindo, por fim, com a certeza de que – “O senhor está achando que eu vou delatar o meu filho?”.

Apresentamos nos exemplos acima três momentos em cada filme onde o ato de delatar torna-se explícito nos dois primeiros. A possibilidade de interpretação é ambígua entre a possibilidade dual da delação por medo ou por motivações heróicas politicamente incutidas na sociedade. Já no terceiro caso, um pouco mais complexo e delicado, percebemos que quando o mecanismo da delação não funcionava pelo primeiro viés, ou seja, o do medo ou, quiçá pelo segundo viés, o da gana de contribuir com a segurança nacional através da delação, funcionava com bases em repressão física ou psicológica como no caso da passagem do filme de Zuzu Angel, sendo induzida pelo aparato repressivo a delatar o próprio filho através de um questionário intencionalmente orientado. Concluimos que em todos os filmes sobre o evento da ditadura no Brasil, a delação se constitui em um importante componente do enredo para se entender o contexto histórico.

Sem tortura? Não há ditadura!

Retomando os mecanismos de manutenção do aparelho repressivo e, naturalmente da ditadura em si, seria interessante expormos também as nossas impressões, mais como telespectadores, destas práticas dentro de cada filme, logo em seguida, uma crítica ao uso deste método – a tortura –, hoje condenado, que causava sequelas físicas e psicológicas em suas vítimas. Tal crítica pretende expor a dramaticidade proposta em cada obra em relação ao pretenso contexto histórico, de fato, vivenciado por alguns atores históricos que aí estavam inseridos. Expor seus alcances afetivos no telespectador e, sobretudo, no estudante deste contexto histórico

²¹ CARVALHO, Joaquim Vaz de. e REZENDE, Sérgio. *Zuzu Angel*. Produção de Joaquim Vaz de Carvalho, direção de Sérgio Rezende. Brasil: Warner Bros, 2006. 1 arquivo AVI, 104 min 16 segundos. son., col.

brasileiro onde tais práticas tomaram corpo e aspectos de lugar comum entre os militares e políticos a este regime afiliados que legitimaram estas práticas. Este é o foco desta abordagem.

Partindo destas observações primárias, cremos que o filme “Batismo de Sangue” é o que trata com mais intensidade as torturas, suas formas e seus efeitos. Os militares vistos nos filmes, como em “Batismo de Sangue”, por exemplo, justificavam a tortura como uma forma de patriotismo, um dever a se cumprir em função da nação, desconsiderando que nem todos os capturados pelo regime ditatorial estavam envolvidos com a luta armada ou ligados aos comunistas. Muitas vezes, os alvos das torturas e interrogatórios nem sequer sabiam responder as perguntas feitas pelos militares, como é o caso do frade Tito de Alencar. Em seu relato onde ele esmiúça trechos de seu sofrimento encarado nas sessões de tortura com os militares na Operação Bandeirantes, ele esclarece que

Apesar de declarar nada saber, insistiam para que eu “confessasse”. Pouco depois levaram-me para o “pau-de-arara”. Dependurado nu, com mãos e pés amarrados, recebi choques elétricos, de pilha seca, nos tendões dos pés e na cabeça.[...] Quanto mais eu negava mais fortes as pancadas. A tortura, alternada de perguntas, prosseguiu até às 20 horas. Ao sair da sala, tinha o corpo marcado de hematomas, o rosto inchado, a cabeça pesada e dolorida.²²

Ainda no seu relato, o Frei Tito afirma que o que ocorreu com ele não foi exceção colocando que “raros os presos políticos brasileiros que não sofreram torturas.”²³ Depois de libertado, junto com outros presos políticos, em troca do embaixador suíço que havia sido sequestrado, Frei Tito tenta o exílio em Roma onde não encontra apoio junto à Igreja Católica, por ser considerado um “frade terrorista”. De Roma foi para Paris, onde recebeu apoio dos dominicanos.

Sofrendo pelos problemas psicológicos que as torturas lhe causaram, Frei Tito submeteu-se a um tratamento psiquiátrico. Mas os traumas psicológicos, causados pelas torturas, eram tão grandes que o tratamento não surtiu efeito algum. Uma vez, em pânico, recusou-se a entrar no convento dizendo que o Delegado Sérgio Paranhos Fleury não o deixava entrar no convento, cena esta também capturada e reproduzida no filme.

²² Informação disponível no Memorial On-line ao Frei Tito. Frei Tito de Alencar Lima. *As próprias pedras gritarão*, 1970. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/freitito/por/pedras.html>> consulta em: 19 de Novembro de 2013.

²³ Maiores informações e detalhes sobre os votos do Frei Betto ao Frei Tito também no Memorial On-line ao Frei Tito. Frei Betto. *Ao meu irmão Frei Tito*. Artigo disponibilizado e apresentado pelo próprio site. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/freitito/por/pedras.html>> consulta em: 19 de Novembro de 2013.

Deste modo, sofrendo profundamente por esses traumas psicológicos ele comete suicídio buscando auxílio e forças no metafísico, crendo que

Quando os regatos lípidos do meu ser secarem, minha alma perderá sua força. Buscarei então pastagens distantes. Aonde o ódio não tem teto pra repousar. Os dias primaveris, colherei flores pro meu jardim da saudade. Assim externarei a lembrança de um passado sombrio.²⁴

Este exemplo do efeito destrutivo das torturas é apenas um em um sem número que ocorreu durante o período da Ditadura Militar em nosso país. Mais exemplos serão vistos em seguida.

A obra filmica “Zuzu Angel” segue a mesma linha de “Batismo de Sangue” mostrando a visão do torturado e a crueldade do torturador. A personagem Zuzu Angel fica sabendo da morte e tortura de seu filho Stuart Angel através da carta do ex-guerrilheiro de codinome Alberto que vivenciou a tortura do seu companheiro de luta, “durante a madrugada ouvi um grande alvoroço no pátio. Barulho de carros sendo ligados, gritos, perguntas e uma tosse constante de engasgo que se seguia sempre às acelerações”²⁵. Esse trecho da carta de Alberto conta o momento em que Stuart receberia sua pior tortura, e como o filme indica através desta carta apresentada e recitada a morte de Stuart Angel viria logo

ao cair da noite, depois de inúmeras sessões de tortura, já com a pele semi-esfolada, foi amarrado na traseira de um jipe oficial da Aeronáutica, a boca colada no cano de descarga do automóvel e arrastado de um lado para outro. A morte viria logo a seguir: asfixia e intoxicação pelo monóxido de carbono, expelido pela descarga do jipe.²⁶

O corpo de Stuart Angel nunca foi encontrado, mesmo com todo o empenho de sua mãe para poder enterrá-lo dignamente. Existem duas versões do paradeiro do seu corpo, “a primeira é que teria sido transportado por um helicóptero da Marinha [...] e jogado em alto-mar pelo mesmo helicóptero”²⁷, como mostrado no próprio filme também, e uma outra versão informa que “o corpo de Stuart teria sido enterrado como indigente com o nome trocado, num cemitério de um subúrbio carioca”.²⁸

²⁴ PATARRA, Dani e RATTON, Helvécio. *Batismo de sangue*. Direção de Helvécio Ratton Produção de Dani Patarra e Helvécio Ratton, baseado no livro “Batismo de Sangue”, de Frei Betto. Brasil, 2007. 1 arquivo AVI 112min. e 15 segundos. son., col.

²⁵ PATARRA, Dani e RATTON, Helvécio. *Batismo de sangue*. Direção de Helvécio Ratton Produção de Dani Patarra e Helvécio Ratton, baseado no livro “Batismo de Sangue”, de Frei Betto. Brasil, 2007. 1 arquivo AVI 112 min. e 15 segundos. son., col.

²⁶ CABRAL, Reinaldo e LAPA, Ronaldo. *Desaparecidos Políticos – Prisões, Sequestros e Assassinatos*. Vol. II, Rio de Janeiro, Edições Opção e Comitê Brasileiro pela Anistia, 1979. p. 115

²⁷Idem.

²⁸Idem.

Já no filme “O que é isso? Companheiro” tem-se uma abordagem mais leve da tortura, mas, não menos danosa. O filme segue sem mostrar com tanta intensidade como nas outras obras cinematográficas aqui tratadas, porém, temos nesse filme uma tentativa de expor a tortura por uma perspectiva diferente, ou seja, pela visão do torturador e opressor, sobre seus próprios atos. Um dos militares, o agente Henrique, um dos responsáveis pelas torturas dentro do filme “O que é isso? Companheiro” mostra o remorso pelo seu trabalho, o que lhe traz problemas domésticos com sua esposa que é contra a tortura, “você não ‘tá torturando aqueles garotos?”²⁹ pergunta Lília, a esposa de Henrique, com uma expressão incrédula dos possíveis atos do seu esposo, “isso também” responde o agente, causando uma extrema decepção e desolação em sua esposa.

O agente Henrique defende a tortura como a única forma eficiente de combate a guerrilha urbana, mesmo compreendendo o quão desumano é o ato. Mais tarde numa conversa com o agente Brandão, o agente Henrique admite que é constantemente assombrado, por sua consciência, “a gente abriu um frasco perigoso que nunca deveria ter sido aberto. As coisas fogem do controle. Você consegue dormir direito?”³⁰ Pergunta o agente a seu parceiro, “durmo sim” responde o agente Brandão não esboçando o mesmo remorso que seu colega, “eu não. Eu ando sonhando com as coisas todas de cabeça pra baixo”³¹, finaliza Henrique, mostrando toda a pretensa agonia que seu trabalho lhe causa. Ou seja, mais uma possibilidade de leitura que é, notadamente possível, a de se pensar como o torturador designado para aquela tarefa se sentia no momento da execução de seu “ofício”, e como sabemos, as entidades das forças armadas daquele momento, autoritárias como eram – se ainda não o são – poderiam não admitir a recusa por parte do comandado em executar tais tarefas, ou ainda, tê-lo como um potencial “subversivo” também.

Não desconhecemos todas as críticas feitas à esta leitura/interpretação no filme “O que é isso? Companheiro” das inclinações e do torturador em detrimento da leitura do torturado na obra “**Versões e ficções: O sequestro da História**”, mas, devemos, apesar das possíveis intencionalidades por trás desta (re)construção, atentar para a possibilidade de também se compreender, como reza uma História que tenta

²⁹ BARRETO, Lucy e BARRETO, Bruno. *O Que é Isso, Companheiro?* Produção de Lucy Barreto e Luiz Carlos Barreto, direção Bruno Barreto Brasil/EUA: Columbia Tristar Pictures. 1 arquivo AVI 106 min. e 38 segundos, son., col. [Four Days in September].

³⁰ Idem.

³¹ Idem.

se aproximar o mais possível da verdade, todos os atores históricos envolvidos no contexto e não somente uma parte deles.

Deste modo, vimos como todos os três exemplos trazem à tona detalhes que consolidam a ideia de um período político bastante repressivo e violento no tocante a forma de lidar com as ideologias e propostas políticas divergentes, ou ainda, como vimos nas três obras, com a leve suspeita de uma oposição política iminente.

Conclusão

A prática da tortura, assim como a prática da delação trazem noções de um momento histórico diferente do que dispomos hoje e, por assim ser, as retratações feitas nos filmes aqui trabalhados nos dão, em caráter complementar entre elas e, conjuntamente com as outras linguagens oriundas da indústria cultural possíveis, um panorama bastante rico e detalhado das efervescências da Ditadura Militar no Brasil. Acreditamos que compreender os alcances das ações contrárias à ditadura por parte de atores de diferentes estratos sociais como as guerrilhas urbanas, movimentos estudantis, artistas e a classe média, por exemplo, apresentados nos filmes é de suma importância para que se tenha uma ideia de como toda a sociedade estava envolvida e participou, de um jeito ou de outro, nas ações tomadas e desfechos dados a tantos eventos dentro deste contexto. Se tivemos uma Ditadura ou "Ditabranda" em nosso país, apenas a posicionalidade de cada indivíduo inserido ou não neste contexto poderá, de fato, dizer.